Revista Illustrada de Portugal e do Extrangeiro

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)...	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

13.º ANNO — VOLUME XIII — N.º 399

21 DE JANEIRO DE 1890

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO

Lisboa L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do Occidente, sem o que não serão attendidos.

CHRONICA OCCIDENTAL

Que lugubre e sinistro começo d'anno tem sido o d'este anno de 1890, que ha vinte dias começou o seu reinado!

No meu tempo nunca anno algum principiou assim, nunca vi em vinte dias amontoar tantos desastres, tantas desgraças, tantas coisas assombrosas e tragicas, como n'estes vinte calamitosos dias de janeiro, que vão decorridos!

Dir-se-hia que foi a Fatalidade que se encarregou de apresentar aos portuguezes o anno de 1890 e que o fez com todos os requintes da sua tragica phantasia.

O anno começou no meio d'uma epidemia a valer, uma epidemia que foi acolhida a brincar por toda a gente, mas que tomou de um momento para o outro um aspecto serio de mais, começando a encher de cadaveres os cemiterios, de doentes os hospitaes e de alarme todo o paiz.

E n'esse despejar insensato de gente para o tumulo, foram muitos dos nossos amigos queridos, dos nossos confrades mais illustres, dos homens de lettras mais eminentes da nossa terra.

N'um dia, Francisco Palha, o grande e inemitavel humorista, n'outro João de Lemos o illustre e velho poeta que, quando entrámos no mundo encontrámos em toda a plenitude da sua brilhante nomeada, n'outro Julio Cesar Machado, o folhetinista por exemplo, o bom e querido Julio Machado.

E a este, que medonha e sombria tragedia atirou para o tumulo!

Em todo o reportorio mais melodramatico do velho theatro não encontramos drama mais sangrento, mais brutal, mais extraordinario do que esse drama que teve o seu desenlace no Domingo 12, n'um modesto terceiro andar da calçada do Salitre, ás mesmas horas em que tudo quanto em Lisboa ha de mais distincto e illustre nas lettras, nas artes e na burocracia, assistia no cemiterio dos Prazeres ao enterro do grande e querido Francisco Palha.

No dia immediato fazia dois mezes que o filho de Julio Cesar Machado, uma creança de 16 annos, enchera Lisboa de assombro com a noticia inacreditavel do seu suicidio.

FRANCISCO PALHA — Fallecido em 11 do corrente

(Segundo uma photographia)

Nós fomos tambem dos muitos que não acreditámos ao principio n'essa noticia.

O filho de Julio Machado era tão novo, viamol-o sempre tão alegre, sabiamol-o tão adorado pelos paes, que não viam no mundo outra cousa senão aquelle rapaz, que tomámos a sinistra noticia como um engano qualquer de informador de jornal.

No dia immediato lemos a noticia em todos os jornaes, com todas as lettras: não tinha havido engano, fôra realmente o filho de Julio Machado, esse rapaz que julgavamos tão feliz, tão alegre, tão acreançado ainda que dera cabo da sua vida com um tiro de rewolver, ou antes que com um tiro de rewolver matara duas vidas, porque evidentemente a vida de seu pae, que o idolatrava, ficava anniquilada para todo o sempre.

E então fomos nós tambem ás informações, indagar as causas da estranha resolução do infeliz rapaz e soubemos essas causas.

Tratava-se d'um amor infeliz, a eterna historia das Marcos, das *Mulheres de marmore*, das *Dalilas* que a moda expulsou dos dramas e dos romances do nosso tempo, mas que fóra do theatro vão ainda representando as suas tragedias imbecis e sangrentas por este mundo de Christo; tratava-se d'uma de essas historias, e com todos os seus horrores; uma paixão de adolescente por uma cocotte barata, mas uma d'essas paixões que antes de levarem á morte, levam um bom rapaz a commetter toda a qualidade de devaneios de loucuras, de leviandades, que se apresentam ás vezes como crimes.

Era tristissimo e desolador o rapido romance d'esse suicida de desasseis annos.

Soubemos essa triste historia no cemiterio do alto de S. João quando o cadaver do pobre rapaz baixava ao tumulo, e Francisco Palha que estava ao nosso lado e que

tambem ouvira essa historia com todos os seus promenores, exclamou:

— Deos queira que o pobre Julio nunca saiba isso tudo !

— Não sabe, com certeza ! quem hade commetter a infamia de lh'o ir dizer ? !

— Eu sei lá; ha gente para tudo, disse Francisco Palha, desconsoladoramente, com o seu profundo e longo conhecimento da vida e dos homens.

Ha gente para tudo !

E dizia bem Francisco Palha.

Ha gente para tudo e a prova é que houve gente para essa infamia inconcebivel e que foi essa gente a auctora mysteriosa da sinistra tragedia, que d'ali a dois mezes havia de assombrar todo o paiz.

Chega a parecer inacreditavel, mas é verdade, infelizmente, para a vergonha da raça humana! houve uma ou mais creaturas que tiveram a idéa satanica e o trabalho vilissimo de escrever cartas anonymas ao desolado Julio, contando-lhe minuciosamente todas as loucuras, todas as leviandades e por ventura todos os crimes que praticara seu filho, aquella creança que elle adorava, e que de dia e de noite chorava doidamente com a sua virtuosa esposa, aquella creança cuja memoria querida era a unica consolação d'aquelles dois corações amantissimos tão rudemente dilacerados pela mais lancinante e terrivel das desgraças.

E não foi só uma carta, foram muitas, de dias a dias, hoje uma revelação, amanhã outra, hoje uma facada, amanhã outra facada, com uma insistencia cruel, inquisitorial, torturando o espirito d'aquelles desgraçados paes, apagando-lhes uma a uma todas as illusões que elles tinham ácerca de seu querido morto, destruindo degrau a degrau o throno de consideração e de respeito em que elles tinham a memoria adorada de seu filho, de seu filho que os matara matando-se, mas a quem ambos julgavam digno, alucinado mas bom, como todos os paes imaginam sempre que são os seus filhos.

A' morte physica de seu filho, Julio Cesar Machado conseguira ainda resistir; á morte moral d'essa creança idolatrada não poude mais.

E o seu espirito de ordinario tão extraordinariamente lucido annuviou-se perante o desabar de todas essas suas illusões.

Todas as culpas do filho, se por acaso as tinha tido, estavam todas desculpadas pela paixão violenta que d'elle se apossara, logo ao entrar na vida, estavam todas redemidas pela morte voluntaria que se dera.

Nos codigos humanos, mesmo nos mais ferozes, nos mais crueis, a pena maior é a morte.

Essa pena é tão grande que lava todos os crimes por mais monstruosos que elles sejam.

E não eram com certeza d'esses, os crimes que as cartas anonymas imputavam ao desgraçado rapaz; que o fossem mesmo, elle applicando a si proprio a pena maior illibára-se de todos.

Mas o espirito de Julio Machado não se demorou a fazer d'estes raciocinios. Tudo o que lhe diziam do filho que elle adorava, vibrou no seu cerebro como uma sentença de morte tambem.

Julio Machado, que tinha como ninguem pode ter mais a religião da honra e o sentimento da dignidade, viu só deante de si um caminho a tomar, o caminho que seu filho tomara; um exemplo a seguir — o que elle lhe dera.

E então o demonio do suicidio apossou-se absolutamente d'aquelle cerebro tão bem formado, a idéa de acabar com a vida, que póde muito bem ser que o tivesse contagiado desde a hora em que se abraçou banhado em lagrimas ao corpo d'aquelle suicida moribundo que era seu filho, fascinou-o, subjugou-o, hypponotisou-o, e Julio Cesar Machado, perfeitamente desvairado, louco, usando do poderoso dom suggestivo que possuia em alto grau, suggeriu essa idéa a sua esposa, e no domingo 12 de janeiro, ao meio dia, ajoelhandose ambos em frente do retrato do seu filho querido, do filho que fôra o seu idolo e era agora o seu algoz, mataram-se em holocausto a essa creança adorada, a sorrir, com o goso inebriante com que as viuvas de Malabar se atiram para as chammas que as hão de levar para junto de seus maridos.

E mesmo na maneira de procurar á morte, o suicidio de Julio Machado foi terrivel, medonho.

As peripecias selvagens d'esses ultimos momentos tragicos ainda não são bem conhecidas, mas tudo leva a crer que Julio Machado pensou matar-se, enforcando-se, e que quebrando-se a corda elle então lançara mão d'uma faca e cortara as arterias nos pulsos, procurando a morte no esvaeamento de sangue, onde finalmente a encontrou.

Sua mulher tinha os mesmos golpes nos pulsos, e pelas declarações que ella fez no primeiro momento, parece que quiz voluntariamente seguir o exemplo de seu marido a quem adorava.

Felizmente essa estava ainda viva quando se deu pela medonha tragedia e a sciencia conseguiu salval-a da morte.

Quando sahir do hospital, onde está ainda em tratamento a viuva de Julio Cesar Machado vae para o paço d'Ajuda, d'onde sahiu para se casar. Sua Magestade a Rainha D. Maria Pia, de quem ella era açafata, tinha-lhe muita affeição e ao saber da sinistra catastrophe pedio logo que no caso d'ella escapar da morte, fosse outra vez para a sua companhia.

A redacção do *Correio da Manhã* abriu uma subscripção para um jazigo para o grande folhetinista, que ficou sepultado n'uma cova no alto de S. João, subscripção que muito depressa, em tres dias, se elevou a importante somma.

E assim n'esta tragedia brutal de suicidios, uma tragedia que faz pensar no desenlace dos dramas Shakespereanos, acabou uma familia das mais felizes e das mais queridas de Lisboa.

Foi profundissima como não podia deixar de ser, a impressão causada em toda a cidade por esta estranha e sangrenta catastrophe e muito maior seria ainda se n'esse mesmo dia um facto gravissimo, d'outro genero, não viesse dominar todas as preoccupações, e agitar enormemente, extraordinariamente todo o paiz—a questão ingleza.

Exactamente no dia do suicidio de Julio Machado veio a publico a noticia do *ultimatum* brutal da Inglaterra na questão do Nyassa.

Esse *ultimatum* como toda a gente hoje sabe foi como que uma faca posta aos peitos do governo portuguez pelo governo britannico, epilogando inesperadamente as negociações diplomaticas já ha mezes entaboladas.

Chegada lá a certa altura a Inglaterra não quiz saber de razões, exactamente por perceber que não tinha nenhuma, e recusando-se terminantemente á arbitragem por desconfiar que lhe não seria favoravel, recorreu á força como ultimo argumento. A bolsa ou a vida; ou cedes ou tomo posse de Lourenço Marques com as minhas esquadras, disse a Inglaterra, exigindo de mais a mais resposta na volta do correio.

O governo cedeu, recuando ante um rompimento de hostilidades com a *nossa fiel* alliada.

O effeito que produziu em todo o paiz esta cedencia e sobretudo a exigencia brutal e humilhante do gabinete inglez, foi perfeitamente o da explosão d'uma bomba de dynamite.

A grande alma popular que muita gente julgava adormecida para sempre na nossa terra, despertou enthusiasta, viril, heroica, o amor santo da Patria vibrou em todos os corações que muitos julgavam mortos na indifferença, e ao insulto do estrangeiro atrevido a nação ergueu-se toda n'um impeto brilhante, grande e audaz, de sagrada indignação.

Foi a briosa mocidade academica, quem deu o primeiro signal de rebellião contra os insultadores da patria.

Apenas souberam do ultrage vibrado pela Inglaterra a Portugal, os academicos de Lisboa sahiram para a rua em numerosos bandos, a que se juntou logo enorme multidão, protestando vehementemente, e nobremente contra a offensa feita á Patria e ao direito.

Esses bandos percorreram as ruas principaes da cidade, manifestando-se ruidosamente em frente do consulado de Inglaterra, e da casa dos ministros dos estrangeiros que tinha cedido á ameaça insolente do gabinete inglez.

A opinião publica muito sobreexcitada, essa opinião publica que tão raras vezes se manifesta na nossa terra, manifestou-se n'essa noite memoravel e por fim já não era um grupo de rapazes que andava pela cidade, era toda a população de Lisboa que se associara a essa manifestação, sacudindo finalmente a terrivel indifferença que ha tantos annos nos domina, e mostrando vontade, opinião, indignação, enthusiasmo, dignidade nacional, vida, emfim !

A manifestação d'essa noite foi imponente e repetiu-se nos dias immediatos e alastrou-se por todo o paiz, alastrou-se por todas as classes, e o egoismo individual, o «deixa correr» indigena, que ha tantos annos é infelizmente o nosso evangelho politico, foi finalmente, graças a Deos, subjugado e vencido por essa santa e nobre coisa que se chama o amor da nacionalidade, a dignidade da Patria !

Durante quatro ou cinco dias percorreram as ruas de Lisboa enormes grupos de pessoas de todas as classes e condições sociaes, elevando bem alto o seu protesto contra a insolencia ingleza e acclamando a Patria, o exercito, o commercio, a industria, a imprensa, todos as grandes forças da nação.

As redacções do *Seculo*, do *Correio da Manhã*, da *Revolução de Setembro*, foram alvo de repetidas e ruidosas manifestações de sympathia, manifestações que se estenderam tambem á redacção do OCCIDENTE, que as agradece reconhecidissimo com a consciencia de ter sempre, durante toda a sua vida procurado seguir em todos os ramos a divisa que Emilio Gerardin fôra buscar ao Dante «*Io vo cercando el verso*.»

As legações de Hespanha, França, Estados-Unidos e da Austria, foram tambem calorosamente saudadas muitas noites por varios grupos de manifestantes, como sendo estas nações as que mais galharda e briosamente se pozeram a nosso lado na questão com a Inglaterra.

N'uma das noites um grupo de academicos e de jornalistas acompanhados por grande multidão, foi cobrir de crepes o monumento de Camões, em signal do lucto da patria, em frente do attentado inglez.

Accacio Antunes, o illustre poeta, commemorou essa cerimonia com um soneto delicioso que é realmente uma inspiração brilhante.

PATRIA !

—

Hontem, quando, ao insulto dos villões,
Viu o povo, sombrio e pezaroso,
Saudando o seu passado glorioso,
Cobrir de crepe a estatua de Camões,

Ao desdobrar-se em torno o veu luctuoso
Velando a fronte aos inclitos varões,
Veio cortar os nossos corações
Um soluço pungente e doloroso!

Tudo ergueu a cabeça, confrangido,
—Que peito é que podéra tal gemido,
Tão triste, tão profundo ali soltar?

E a multidão, olhando a estatua, inquieta,
Viu pela bronzea face do poeta
Lentamente uma lagrima rolar !

Todas estas manifestações nas ruas de Lisboa e que tem achado a sua repercussão em todas as cidades, villas e aldeias do paiz, tem tido, honra lhes seja, um caracter essencialmente patriotico, nacional e ordeiro.

As paixões politicas foram, ainda bem, postas absolutamente de parte ante o insulto feito á patria, e todos os portuguezes esquecendo-se se são republicanos ou monarchicos, progressistas ou regeneradores, para só se lembrarem de que são portuguezes, unidos n'uma grande confraternidade nacional, tem dado ao mundo o espectaculo maravilhoso d'um paiz que se ergue viril, forte, heroico, ao estrangeiro tocar na honra da Patria.

Ha males que vem por bens, diz o proverbio : póde dizer-se isso do insulto que nos foi feito pela Inglaterra. Esse insulto veio mostrar-nos que no coração dos portuguezes de hoje pulsam ainda os mesmos grandes sentimentos nobres dos portuguezes d'outr'ora, que nas suas veias corre ainda o mesmo sangue vivo, audaz que escreveu o nome de Portugal no alto das paginas mais brilhantes e heroicas das epopeas da Historia.

O movimento de reacção contra o ultrage inglez não se limitou a essas manifestações ruidosas na rua, que muito eloquentes, muito sensatas, muito dignas, não deixariam comtudo de ter um caracter por assim dizer platonico.

A nação protestou contra a audacia ingleza nas ruas e nas praças publicas, obrigando a demittir-se o governo progressista que não soubera ou não podera livrar a patria do insulto recebido, e depois de ter manifestado n'essas expansões ruidosas e populares a sua opinião e a sua indignação, correu a tratar seriamente mas energicamente da maneira pratica de se vingar da affronta feita á nação, e de se prevenir contra futuras surpresas da sua antiga alliada.

Todas as corporações tem trabalhado n'esse sentido, collaborando todos pacificamente mas tenazmente, na grande obra da restauração das forças nacionaes, da resurreição do antigo prestigio do nome portuguez.

Se essa obra se levar a cabo, — e que se levará com certeza se todos tiverem persistencia e tenacidade — se o odio á Inglaterra — um odio tão santo que vemos associar a elle muitos dos proprios inglezes residentes em Portugal, já associando-se ás nossas manifestações, já deixando a sua patria para se naturalisarem portuguezes — servir para Portugal cuidar a serio da sua industria, do seu commercio, das suas ar-

tes, da sua instrucção e da sua defesa, se esse odio servir para Portugal reconquistar a sua antiga posição no mundo e na historia, nós abençoaremos esse odio, quasi que poderemos bemdizer o insulto inglez como o enfermo bemdiz o caustico asquereso repugnante que lhe doe, que o martyrisa, mas que produz a reacção no seu organismo doente, e lhe restitue a saude, a força, a vida!

Portugal estava enfermo e enfermo grave, de uma enfermidade terrivel — o indifferentismo, que é para as nações o mesmo que a anemia é para o corpo humano, a falta de globulos rubros na circulação arterial.

Sobre o seu estado faziam-se diagnosticos desconsoladores, prognosticos tristissimos.

Veio a offensa vil da Inglaterra e a reacção produziu-se immediata e enorme.

A doença não era tão grave como se suppunha. O organismo está ainda forte e viril — prova-o essa reacção poderosa que rapidamente se fez.

O caso agora está em aproveitarmos habilmente essa reacção, em sabermo-nos servir d'essas forças possantes e vivas, que ainda ha no nosso organismo, não deixarmos de novo invadir-nos a indifferença que nos ia matando — e a cura será rapida e radical.

Que assim seja, desejamol-o ardentemente, pela salvação e pela prosperidade da nossa querida patria.

Gervasio Lobato

FRANCISCO PALHA

Não é precisamente uma biographia o que eu vou escrever para acompanhar o retrato de Francisco Palha que o Occidente publica hoje na sua primeira pagina; para escrever uma biographia em fórma é sobretudo necessaria a historia das datas e da vida de Francisco Palha só sei duas datas apenas—a de 15 de janeiro de 1826, a do seu nascimento, a de 11 de janeiro de 1890 a da sua morte. a d'essa morte cruel que roubou a Patria um dos seus grandes e gloriosos litteratos, e a mim um dos meus grandes e mais queridos amigos.

Não vou por tanto fazer um frio estudo biographico acompanhando passo a passo a vida do homem e do escriptor desde o erguer-se do berço até ao sumir-se no tumulo, vou simplesmente fallar de Francisco Palha como homem, como amigo, como litterato, como empresario, como empregado publico, fallar d'elle seguindo as minhas recordações de quatorze annos de intimidade quotodiana, segundo as saudades pungentissimas que d'essa convivencia intima me ficaram para sempre d'esse bom amigo e d'esse illustre e excellente homem, que toda a vida chorarei.

Francisco Palha pertencia como toda a gente sabe a uma das mais nobres familias de Portugal, a familia La-Cerda, apparentada com muitas das mais gradas do nosso paiz, e do seu nascimento illustre conservou sempre a linha distinctissima e fidalga realçada por uma grande bonhomia de caracter e por uma absoluta ausencia de preconceitos e de vaidade, que tornavam a sua convivencia perfeitamente encantadora.

Educado no velho collegio de Cicouro, Francisco Palha foi desde pequeno atacado d'uma maneira invencivel pela febre do theatro.

Era interno no collegio e quando ás segundas feiras apanhava alguns externos, que nos domingos tinham ido com suas familias ao theatro, agarrava-se a elles avidamente e não os deixava sem terem posto para ali todas as suas recordações da representação da vespera, o enredo das peças e os gestos dos actores.

Nas ferias grandes Francisco Palha ia ás vezes ao theatro e então ficava perfeitamente deslumbrado e trazia d'essas noites memoraveis da sua vida de rapaz, reminiscencias para os longos dias e longas noites de clausura no velho collegio da calçada do marquez de Tancos.

E nesses dias e n'essas noites começavam a ferver-lhe dentro do cerebro idéas de peças, enredos de dramas, até que um bello dia Palha abalançou-se a lançar no papel essas idéas e esses enredos e deitou-se a escrever uma peça.

Escreveu-a, limou-a, tornou-a a limar e uma vez que se apanhou na rua com um velho criado da sua confiança, encheu-se de coragem e foi-se direito ao theatro da rua dos Condes e procurou pelo actor Epiphanio, que então dirigia aquelle theatro.

Epiphanio recebeu-o muito amavelmente, e quando Palha sacou do rolo da peça, o grande actor franziu o sobr'olho e tratou de pol-o delicadamente com dono, pretextando ter o theatro muitas peças para entrarem a ensaios e não ser possivel admittir mais nenhuma.

Palha ficou desconsolado mas não desanimado; aquella primeira derrota não lhe fez perder a coragem e apenas se apanhou em Coimbra, na Universidade começou a fazer peças e a representalas com grande successo.

Aqui tem o que eu sei do começo da vida de Francisco Palha, o que eu sei porque elle proprio m'o contou varias vezes, nos largos cavacos que tinhamos de dia na Secretaria do Reino e á noite no seu pequeno nicho d'empresario, no fundo do palco da Trindade.

*
* *

Formado em direito Francisco Palha voltou para Lisboa e principiou então de vez, em grande, a sua gloriosa vida de poeta e de auctor dramatico, e de homem de theatro.

A obra litteraria de Francisco Palha não é muito vasta mas é de extraordinario valor e assignalalhe um logar á parte na historia da litteratura contemporanea.

Não accupa longos catalogos a nomenclatura dos seus livros, mas esses livros são notabilissimos, d'uma estranha originalidade, como a *Musa velha* a *Estatua*, e a maioria dos trabalhos litterarios de Francisco Palha anda dispersa pelos jornaes, pelas Revistas, e até pelos archivos do ministerio do Reino e pelos archivos do theatro da Trindade, porque o talento e a originalidade do grande escriptor eram tão grandes e tão expontaneas, que se affirmavam brilhantemente, involuntariamente, quasi que inconscientemente, em tudo o que sahia da sua penna priviligiada, até nos trabalhos mais prosaicos, mais vulgares, mais avessos á litteratura e em que ninguem se lembraria nunca de ir procurar joias litterarias.

Pois nos pareceres officiaes de Francisco Palha como chefe de repartição e como director geral d'instrucção publica—cargo que por muitas vezes exerceu—nas tabellas de director do theatro, em D. Maria, na rua dos Condes e na Trindade—ha verdadeiras obras primas de verve, de espirito, de humorismo portuguez, que bastariam para fazer a gloria d'um homem de lettras.

Era um trabalho que se devia fazer, para honra da litteratura portugueza e para gloria da memoriá querida de Francisco Palha, o da colleccionação em volumes de todos os artigos d'elle que andam ahi dispersos pelos jornaes, as numerosas e notaveis cartas de polemica de que elle era tão prodigo e em que era tão original e tão extraordinario, d'alguns dos pareceres officiaes de chefe de repartição que não houvesse inconveniente em trazer a publico, algumas das tabellas da Trindade que são positivamente verdadeiras obras primas, a correspondencia particular de Francisco Palha, correspondencia em que ha cartas que são modelos no genero e em que transparece toda a poderosa e originalissima individualidade caracteristica do grande e chorado escriptor.

Evidentemente a compilação de todos esses trabalhos daria volumes e volumes de magnifica prosa, d'essa prosa tão elegantemente moderna e tão castiçamente portugueza, aliança estranha e difficilima que era o segredo previlegiado do extraordinario talento de Francisco Palha e que lhe dera de ha muito um logar perfeitamente á parte e unico na litteratura portugueza contemporanea.

(Continúa) *Gervasio Lobato.*

O CONFLICTO ANGLO-PORTUGUEZ

ALVARO FERRAZ

Nos ultimos acontecimeutos occorridos na Africa Oriental, que provocaram as injustas reclamações da Inglaterra e o seu selvagem proceder para com Portugal, tomou parte activa Alvaro Ferraz dominando a rebelião dos Makololos, insitados pelos inglezes contra o dominio portuguez.

É mais uma pagina brilhante para a historia das nossas conquistas em Africa, pelas circumstancias especiaes que se deram, esta lucta que se travou, entre aquelles indomaveis selvagens e o major Serpa Pinto, os engenheiros Alvaro Ferraz e Themudo capitaneando um bando de negros assoldadados, porque é preciso que se saiba que na nossa Africa a guerra não se faz com tropas regulares, mas com indigenas para isso contratados entre os mais aguerridos e affeitos a estas campanhas, o que não quer dizer por isto que sejam todos de uma provada coragem.

Foi com estes guerreiros que os trez denodados portuguezes tiveram que subjugar as tribos revoltosas, não sendo facil avaliar as difficuldades com que tiveram de luctar atravez dos sertões africanos e com a falta de disciplina das forças de que dispunham.

Uma carta de Alvaro Ferraz, escripta de Mupassa á data de 4 de setembro ultimo, descreve as circumstancias em que se encontrou com as forças do seu commando, carta de que, com a devida venia, transcrevemos alguns periodos do jornal «A Provincia» que a publicou por obsequiosa cedencia do sr. dr. Guilherme da Cunha Reis parente do sr. Alvaro Ferraz.

«Meu caro primo:—Segundo o que lhe disse, na carta que lhe escrevi de Messange, o major Serpa Pinto deixou-me a direcção da expedição no dia 23 do pp. e foi a Quelimane, fallar ao governador para obter 2:000 homens com que possamos bater a gente do regulo Melaure, que se oppõe á nossa passagem, e me incumbiu de conduzir por terra, para Mupassa a expedição, dizendo-me que subisse o Chire pela margem direita, atravessasse o rio Pinga-Mingano. seguindo até defronte de Mupassa, e ahi acampasse, tomando a posição, até á vinda d'elle. Defronte, em Mupassa do outro lado do rio, já estava o meu collega Themudo, com parte da nossa gente. Arranjei tudo o que tinha a arranjar, carreguei algumas almandias (que são barcos feitos do tronco de uma arvore), e sahi de Messange no dia 27, pela manhã, subindo a margem direita e acampando, depois de trez horas de marcha, a meio do caminho, em frente da povoação do regulo Samoane avassalado á corôa portugueza. A meio do caminho, encontrei abandonada a povoação portugueza de João Macanga, que se passou para a margem esquerda com medo, diz elle, de um ataque da gente de Melaure.

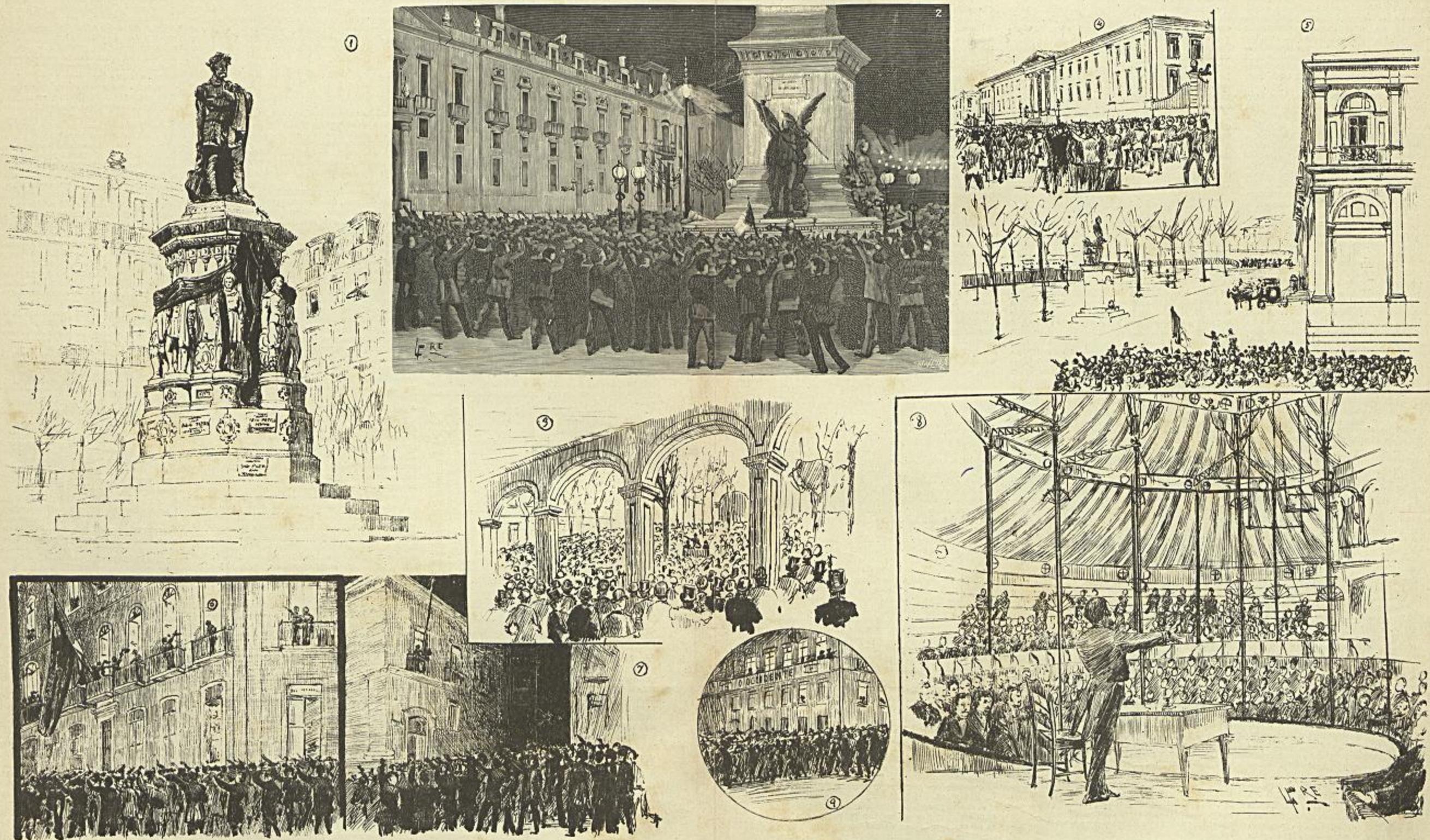
No dia seguinte, de manhã cêdo fiz atravessar para o outro lado do rio, a fim de seguirem, por terra, para Mupassa, dois bois e uma vacca, que trazemos comnosco; e, em seguida, chamando os chefes, communiquei-lhes que nós não podiamos ali atravessar o rio, pois as ordens que eu tinha recebido do major mandavam-me avançar até á povoação do Cabelarica, primeiro capitão do Melaure e ahi acampar, até á sua vinda. Que pelo caminho não fariamos mal a ninguem, mas se disparassem algum tiro sobre nós, n'esse caso, cahiriamos sobre elles matando-os e queimando-lhes as povoações.

Contra a minha espectativa, pois o major Serpa Pinto sempre me tinha dito que os landins o que queriam era fazer a guerra, notei que elles não ficaram contentes; e, como lhes perguntasse o que elles pensavam, respondeu-me um, chamado Chita-nana, que se a gente estivesse toda reunida marchariam mais contentes, porque se poderiam defender, mas que, assim divididos, corriam o risco de ser atacados e batidos, pois eram poucos. Que, no entanto, marchavam comigo para onde eu fosse.

Não gostei d'esta resposta, que denunciava medo quando era certo que eu tinha mais gente do que o Cabelarica e mais bem armada: pois nós trazemos armas Kropatschek, Sniders e Martiny Henry, e os homens d'elles teem armas de pederneira uns, e outros arco e frecha. As nossas espingardas alcançam 1:000 metros e as d'elles 30 e as frechas 20. O preto, porém, não comprehende estas cousas.

Para os fazer marchar com mais animo tive de me pôr á sua frente, reconhecendo então, verdadeiramente, que tinham medo. A principio nenhum veio para junto de mim, seguindo-me apenas a distancia. Só passado algum tempo ganharam coragem, chegando a passar para a minha frente talvez um quarto da força.

Atravessado o Pinga-Mingano, encontramos a primeira povoação dos Makololos, cuja gente, surprehendida pela nossa chegada, fugiu, uma para o mato e outra para cima, a prevenir as demais povoações, que encontrámos inteiramente abandonadas, excepto a do Cabelarica, onde chegamos ao meio dia e que tinha cento e tantos homens armados d'espingardas, uns fora do recinto e outros por cima da pallissada da cerca, promptos a defenderem-se. Antes de avançar, quiz fallar ao Cabelarica para lhe dizer que a minha intenção não era fazer-lhe guerra, mas sim acampar ali e depois seguir em paz o nosso caminho, e que por isso estivesse elle sem receio e tratasse commigo, que lhe trazia *saguatis* (presentes). Porém quando lhe estava fazendo signal para se trocarem mensageiros, ouvi sibilar uma bala que, com certeza, era dirigida para mim e

O CONFLICTO ANGLO-PORTUGUEZ

1 O monumento de Camões coberto de crepes. — 2 Manifestações junto do monumento dos Restauradores.
3 Reunião de estudantes no claustro da eschola Polytechnica. — 4 Sahida dos estudantes da eschola Polytechnica para se dirigirem ao parlamento. — 5 Chegada do grupo de estudantes e populares ao parlamento.
6 Manifestações á Sociedade de Geographia. — Manifestação á legação de Hespanha. — 8 Conferencias no Colyseu pelo sr. Carlos de Mello — 9 Manifestações ao Occidente

AS MANIFESTAÇÕES PATRIOTICAS EM LISBOA (Vid. Chronica Occidental.)

(Desenhos de L. Freire)

ao mesmo tempo toda a gente que estava fora retirou rapidamente para o interior do recinto.

Chamei então a minha gente; cahi sobre elles; e em menos de dez minutos não existiam na povoação mais do que seis homens alcançados pelos nossos tiros; o resto tinha fugida tudo. Infelizmente, o grosso da minha gente havia parado a mais de 400 metros. Commigo tinha vindo apenas uma força de trinta homens, insufficiente para se internar na povoação, pois podiamos de novo ser atacados, e se os outros fugissem, ser todos mortos. Limitei-me, portanto, a lançar fogo ás palhotas na direcção do vento, reduzindo toda a povoação a cinzas e queimando-lhes doze barris de polvora que tinham e que explusiram com enorme estampido.

O chefe da caravana, o Unguluca, veio logo quando eu me dirigia um pouco para traz, para o ponto escolhido para o acampamento, queixar-se de que o Chitamana com a sua gente não queria avançar apezar de tudo o que elle tinha feito, e que fôra isso que fizera com que a maior parte da gente ficasse para traz. Ora, realmente o perigo que eu corri foi mais de levar um tiro do grupo que havia ficado disperso entre mim e o Chitamana do que da parte do Cabelarica.

E isto arreliava-me tanto mais, quanto era certo que, dispondo eu só de trezentos homens, não podia castigar o Chitamana porque este me fugiria com os cento e trinta e tres que commandava. Vim, portanto, para o acampamento; e quando escolhia o local, cogitando tristemente nas difficuldades da minha posição e nos perigos que corria a minha existencia, recebi uma communicação do Themudo, dizendo-me que lhe accudisse porque ia ser atacado por grandes forças que vinham de cima. Corro á praia, faço vir escaleres, e abandonando por campleto a ideia de acampar na margem direita, vou ter com elle, que me diz que, segundo noticias que tinha recebido, os regulos Mumêa, Catinoga, Mulidima, Caberenguene e Melaure, por conselhos e intrigas dos inglezes, se tinham reunido e armado para o virem atacar, esperando a todo o momento que isso se desse.

Depois de passada a nossa gente para a margem de cá, mandamos collocar guardas perdidas e uma linha de postos avançados, passando assim a tarde e noite de 28, na previsão de um ataque.

Ao outro dia quiz fazer abrigos de terra para a nossa gente, mas, nova contrariedade! vieram-me dizer que, entre elles, era despreso aos homens servos. Por isso tive de pedir gente para a povoação, que só no dia 30 podia chegar.

Com muito trabalho e contrariedades, eu e o Themudo conseguimos arranjar nove reductos de terra para atiradores e tirar a peça do escaler, pondo-a sobre o reparo, em terra, dentro da povoação de Mupassa, em quanto se lhe não fazia um abrigo proprio junto da linha de defeza.»

. . . .

As peores noticias, porém, estavam-me reservadas para a noite de antes d'hontem, em que os chefes, ao anoitecer, vieram ter commigo e dizer-me a ideia em que estavam de voltar para traz, pois que a gente d'elles já de tarde tinha embrulhado as esteiras para fugir, dizendo que eram poucos, que a gente do Melaure era muita, que tinham medo, que não estavam para morrer, e por isso que queriam voltar para Mopêa.

Indignou-me isto, mas como qualquer disparate que eu fizesse perderia immediatamente tudo, cobrei de novo o sangue frio e tratei de os convencer de que não podiamos abandonar esta posição antes do major chegar, que eu, que era novo, que nunca tinha entrado em guerra, que tinha no meu paiz bastantes bens, e que no entanto não tinha medo e trocava as commodidades do meu viver pelos trabalhos que elles me viam passar, que elles eram homens já experimentados na guerra, que tinham promettido como eu ao major Serpa Pinto de cumprir as ordens d'elle, e que não podiam de fórma alguma abandonar-me; disse-lhes mil e mil coisas, procurei convencel-os por todas as fórmas e feitios, mas não houve tiral-os da affirmação de que não tinham sido contratados para a guerra, e que eram poucos, que não podiam resistir ao Melaure, e que era necessario abandonarmos este ponto. Batalhamos assim até ás onze horas, em que, afinal, elles cederam á proposta que eu lhes fiz de esperaram só até á volta do major, que eu ia mandar chamar a toda a pressa e que voltaria em 5 ou 6 dias. Que para elles verem que eu não os enganava (porque todos os pretos são extremamente desconfiados) seria um homem dos d'elles que iria levar a carta de participação dos acontecimentos, e que esse lhe diria vocalmente o recado d'elles; e fui para a minha barraca escrever-lhe uma longa carta em que lhe narrava, minuciosamente, tudo o que lhe deixo rapidamente dito aqui, e lhe fazia ver a minha falsa posição e a impossibilidade de me sustentar n'ella muito tempo.

De madrugada, o homem partiu com o correio de que a estas horas o major Serpa Pinto deve ter recebido o telegramma e espera com certeza anciosamente a chegada da carta.

Hoje, pela manhã, quando me levantei vi os chefes todos reunidos e o Unguluca, á porta da minha barraca, pedindo para me fallar. Tive um susto medonho. O céu, porém, ao qual eu tenho pedido, visto que só Deus me póde salvar d'esta crise, parece apiedar-se de mim, pois com grande espanto meu elles vinham pedir-me que lhes marcasse, sobre o terreno, o abrigo da peça e explicasse como se fazia declarando-me que se eu mandasse vir enchadas da povoação elles iam construil-o.

Fiquei contentissimo e fui logo marcar o abrigo, que ainda se não principiou a construir, porque, tendo todas as mulheres e creanças abandonado a povoação, levaram comsigo as enchadas que mandei buscar a toda a pressa. Tenho de novo esperança e confio que me sustentarei até á volta do major Serpa Pinto.»

. . . .

Em outra carta de 5 de outubro diz:

. . . .

«Os inglezes intrigam immenso e declaram sob o protectorado britanico o terreno em questão, mas isso não vale de nada, porque elle sempre foi considerado como pertencente á corôa portugueza e elles não teem o direito de o annexar. O major Serpa Pinto foi a Moçambique e já está de volta, a dois ou tres dias de viagem d'aqui.

Traz dois vapores artilhados e 100 homens com elle; de Mopêa devem aqui chegar com o capitão-mór 400 homens; da Maquenja, que é a melhor gente para a guerra, 600; e de Massingire 100; o que, com os nossos 350, faz a conta de 1550 homens. A bordo dos vapores veem 16 marinheiros da armada, o tenente de marinha João Coutinho e o medico de Lisboa Rollão Preto. Veem peças e metralhadoras e um deposito de munições de 100 tiros por cada homem.

Qualquer dia d'estes vamos-lhe á...

A nossa causa é justa. E a justiça dá sempre grande força a quem combate por ella.»

. . . .

Alvaro Ferraz que tão heroicamente secundou os esforços de Serpa Pinto, é o chefe da expedição scientifica portugueza do Nyassa, e terminou o seu curso em 1888.

No empenho de ser util á sua patria não exitou em lhe ir prestar os seus serviços em Africa, e pelas circunstancias especiaes em que a sua expedição se viu, não teve duvida em capitanear as mal desciplinadas forças indiginas, portando-se como um verdadeiro militar.

Archivemos, pois, em nossas paginas o retrato de mais um benemerito da patria.

C. A.

JULIAN GAYARRE

Não era só uma gloria hespanhola, o celebre tenor Gayarre, era uma gloria de todo o mundo lyrico moderno e como tal o publico de Lisboa o victoriou nas suas operas mais afamadas, como tal o chorou agora que a morte calou para sempre aquella voz deliciosa, que era o encanto, a maravilha de todos quantos o ouviam.

No mundo musical Gayarre figurava logo em seguida a Massini que é tido geralmente pelo primeiro tenor do mundo, e ainda assim, nos famosos trechos de Gayarre, como por exemplo no *Spirito gentil*, Massini nunca conseguiu não só excedel-o, mas nem mesmo igualal-o.

Em Lisboa Massini teve um successo ainda superior ao de Gayarre, cantou a *Favorita* depois de cá a ter cantado o celebre tenor hespanhol, e cantou-a esplendidamente, extraordinariamente, como Massini canta tudo, mas ao chegar ao ultimo acto, ao *Spirito gentil* a recordação gloriosa de Gayarre venceu todos os prodigios que Massini fez, e o publico applaudindo muito o famoso tenor italiano lembrava-se com saudade do grande tenor hespanhol que n'esse trecho não fôra igualado.

Do nosso tempo nunca se ouviu cantar a *Favorita* como Gayarre a cantava, depois nunca mais se ouviu cantar assim, e cremos que difficilmente se tornará a ouvir.

Na romanza do 1.º acto, e no *Spirito gentil*, Gayarre era positivamente assombroso, extraordinario e o publico de Lisboa fez-lhe uma ovação como raras vezes se fazem em S. Carlos.

Nas outras operas o Gayarre agradando muito não teve tanto successo entre nós como o Massini, a não ser no *Salve dimora casta e pura* do *Fausto*. Em todo o caso o que é incontestavel é que Gayarre juntamente com Massini occupava a realeza do mundo lyrico actual. Tamagno figurava depois d'estes dois tenores e a celebridade d'esse vem d'outras qualidades em que predomina a potencia da voz e a energia do canto.

Ha um tenor que os criticos delicados dizem ser superior a estes tres tenores não como virtuosidade nem como voz, mas pela sciencia do canto, pelo acabamento do seu trabalho artistico, e pela rigorosa interpretação artistica e dramatica que dá aos seus papeis—coisas de que geralmente todos os tenores não fazem caso nenhum a começar por estas mesmas tres celebridades. Massini, Gayarre e Tamagno, mas se assim é esse tenor João De Reszké, tem cantado sempre em Paris e em Londres, não tem carreira italiana, e o seu nome não tem no mundo lyrico celebridade que se pareça com a nomeada gloriosa d'estes tres tenores.

Uma verdadeira summidade artistica em todo o mundo comprehende-se facilmente o que seria Gayarre em Hespanha, sua terra, porque a Hespanha tem a grande virtude que nós não temos de prezar e admirar acima de tudo as suas glorias nacionaes. Os hespanhoes adoravam positivamente o seu grande Gayarre, como nós os portuguezes deviamos adorar o nosso Francisco d'Andrade, para elles não havia outro tenor no mundo e a empreza do theatro Real de Madrid fazia todos os sacrificios possiveis para o ter quasi sempre no seu elenco.

Lá estava ainda este anno: a morte foi arrancal-o ao palco da sua patria para o levar para o tumulo e é de vêr e é de applaudir as exequias puramente reaes que a Hespanha lhe fez, e como pranteou a morte do seu grande artista, morte que foi para todo o paiz um verdadeiro lucto nacional.

Honra e gloria á Hespanha que sabe assim presar as suas glorias e prantear os seus filhos illustres.

* ** *

Julian Gayarre era de condição humilde e a sua biographia é muito accidentada e cheia de episodios interessantes.

Nasceu em Roncal e foi guardador de ovelhas nos ferteis valles da sua terra.

Seu pae, D. Marianno Gayarre lavrador honrado e pobre, não tinha ambições e a sua primeira idéa foi fazer de seu filho um pastor.

Depois lembrou-se que o rapaz podia fazer melhor carreira pelo commercio e metteu-o como marçano n'uma loja de capella que um seu amigo tinha em Pamplona.

Gayarre teria então os seus 15 annos e passava o dia a vender agulhas e alfinetes ao balcão.

Um dia o patrão deixou-o só na loja; n'isto passa um regimento com a sua banda á frente. Gayarre ouve a musica e não quer saber de mais nada: deixa a loja, deixa as agulhas e os carrinhos, corre para a rua e lá vae atraz do regimento como que hyponotisado pela musica.

Quando chegou a casa o patrão desmagnetisou-o solfejando-lhe uma bella tareia nos seus costados vigorosos e pôl-o com dono.

Gayarre fez-se então ferreiro n'uma fundição de ferro de Pisanti e ahi principiou a cantarolar emquanto batia o ferro.

Um bello dia o futuro grande tenor teve uma desavença com um seu collega chamado Tolosana. Descompozeram-se, insultaram-se, mas por fim vieram ás boas e fizeram as pazes, n'uns comes e bebes.

Comeram, beberam, cantaram.

Tolosana era membro de um orpheon da terra e ao ouvir a bella voz sélvagem de Gayarre cantando á solta, convidou-o para entrar tambem para a tal sociedade do Orpheon.

Gayarre acceitou sem perceber muito bem o que aquillo era e foi cantar nos coros do orpheon de Pamplona.

A sua voz produziu sensação nos collegas e em uma serenata que o Orpheon preparava em honra do maestro Eslava, deram-lhe um pequeno *solo* de tenor no grande côro de Rossini — *A la caridad*.

Eslava ao ouvir o solo de Gayarre, arrebitou logo a orelha e perguntou enthusiasmado:

—Quem demonio canta esse sol; é a voz d'um anjo!

Finda a serenata foi conhecer Gayarre, abraçou-o, e convidou-o a ir para Madrid, concorrer a uma pensão de 4000 reales por anno creada pe-

lo ministerio do Fomento para animar e proteger os artistas *en herbe*.

Gayarre foi, ganhou a pensão e gosou-a até 1868.

N'esse anno um governo de economias cortou essa verba do orçamento e Gayarre sem pensão ficou perfeitamente aos paus.

Offereceram-lhe um logar de corista no thatro de Zarzuela. Gayarre acceitou e foi um dos *picadores* da celebre zarzuela *Las astas del toro*.

Não aqueceu porém o logar na zarzuela.

O seu ordenado era de 18 vintens por dia e com isso Gayarre não podia viver muito á larga.

O maestro Gaztambide preparava uma companhia para ir á America, levando como estrella a nossa conhecida Elisa Zamacois.

Gayarre tentou de ver se arranjava um logarsinho n'essa companhia. Não o conseguio e então ficou peior do que estava. Andou semanas e semanas roto e esfarrapado, sustentado pelas magras sopas que lhe dava por caridade um amigo seu, pianista no cafe de Saragosa, e para se transportar para a Italia a começar a sua carreira italiana teve que pedir camisas e sapatos ao seu primeiro mestre, ao maestro Eslava.

Partiu para a Italia pobre como Job e voltou de lá rico como Creso.

Debutou no theatro de Varese, como comprimario nos *Lombardos*, e depois cantou a parte de tenor no *Elixir d'amor*.

No primeiro acto o publico ouviu-o em silencio: no segundo deu-lhe algumas palmas.

No terceiro acto fez-lhe uma ovação colossal. Gayarre cantou esse acto maravilhosamente, parecia outro artista, dir-se-hia que se operara n'elle uma grande transformação.

E effectivamente essa transformação dera-se no intervallo do 2.º para o 3.º acto.

Quando n'este acto ia a entrar em scena, o avisador do theatro entregou-lhe um telegramma chegado n'esse momento de Hespanha.

Gayarre mal teve tempo de o passar pelos olhos.

Era extremamente laconico. Sua mãe tinha morrido.

O panno levantou-se e o tenor tinha que entrar em scena para cantar a romanza *Una furtiva lacrima*.

Gayarre cantou-a chorando, com a voz entrecortada por verdadeiras lagrimas.

E o publico maravilhado, attribuindo á arte todo aquelle profundo sentimento de que Gayarre impregnou a celebre romanza fez-lhe uma ovação delirante.

Foi o seu primeiro triumpho, a inauguração da serie ineterrupta de noites de gloria que deviam constituir toda a sua carreira artistica.

De Narese, Gayarre passou a Milão, a Trevino, a Couro, a Cremona, a Padua, cantou a *Masnadiere*, a *Lucia*, o *Barbeiro*, a *Traviata*, o *Ruy Blas* e finalmente a *Favorita*, o seu extraordinario successo, a sua immortal corôa.

O baixo Selva ouviu-o em Padua cantar o *Spirito gentil*, ficou maravilhado e apenas chegou a Madrid fallou de Gayarre com grande enthusiasmo.

O sr. Robles, então emprezario do Theatro Real mandou logo offerecer escriptura a Gayarre, mas o já applaudido tenor escusou-se modestamente allegando não estar na altura de cantar n'um theatro d'aquella ordem.

E continuou a andar pela Italia, cantou em Roma, em Genova, em Palermo, e com successo sempre crescente passou a S. Petersburgo, a Moscow, a Vienna, fez uma *tournée* verdadeiramente triumphal pela America; veio já cheio de fama fazer uma estação a Londres e depois então em 1877 apresentou-se em Madrid onde debutou com um exito extraordinario.

Em 1881 teve um successo colossal em Barcelona, foi a Monte Carlo crear a opera *Il duca d'Alba*, e d'ali seguiu para Napoles onde esteve ás portas da morte com uma perniciosa.

Dando-o os medicos por perdido Gayarre fez a promessa de cantar uma *Salve* defronte do altar da Virgem del Pilar, de Zaragosa se se salvasse.

Salvou-se e cumpriu a sua promessa.

Em 1882 Gayarre veio a Lisboa escripturado pela empreza Freitas Brito e teve um grande successo na *Favorita* principalmente e no *Fausto*. Gayarre voltou maia uma epoca a Lisboa, já com a empreza Valdez e com o mesmo enorme exito, mas o theatro onde elle estava com mais persistencia era o de Madrid pois os seus patricios difficilmente o deixavam sahir d'ali.

E foi ali que elle cantou pela ultima vez, na noite de 8 do mez passado, foi ali que no dia 2 d'este mez elle exhalou o ultimo suspiro.

A opera que elle cantou n'essa noite foi os *Pescadores de Perolas* de Bizet, opera que elle criara em Napoles e que era agora a sua opera predilecta.

Gayarre estava já doente; a sua voz tinha hesitações e ás vezes falhava-lhe nas notas altas.

N'essa noite falhara-lhe uma na romansa do 1.º acto.

—Não posso cantar! exclamou elle sahindo de scena muito nervoso.

Os medicos do theatro correram logo a prestar-lhe soccorros.

Gayarre sentindo-se um pouco melhor quiz continuar a opera: mas no 3.º acto quando repetiu a romansa do 1.º acto, falhou-lhe a mesma nota.

Então Gayarre baixou a cabeça e com uma terrivel e dolorosa expressão de desespero murmurou

—Está tudo acabado!

D'ali a pouco Gayarre era atacado da Influencia; sobreveiu-lhe uma pneumonia que juntamente com a lesão de coração de que já padecia o matou em breves dias.

*
* *

Como já dissemos a morte de Gayarre foi um luto nacional para a Hespanha. Apenas se soube da gravidade da doença a casa de Gayarre estava sempre innundada de gente á procura de noticias do adorado tenor.

A rainha regente de Hespanha mandava tres vezes ao dia saber d'elle, e nos ultimos dias dera ordem para de casa de Gayarre a informarem de quarto em quarto de hora pelo telephone do estado do illustre cantor.

O enterro de Gayarre teve toda a grandeza e magnificencia d'um enterro real.

O cadaver do grande artista foi embalsamado, depois de arrancada cuidadosamente a larynge para ser estudada pelos medicos e conservada n'um museu nacional como preciosa reliquia do glorioso tenor hespanhol.

O feretro collocado n'um coche tirado por oito cavallos negros, guiados por lacaios vestidos á Frederica, desapparecia totalmente sob avalanches de corôas, que eram em numero de 150.

A's borlas do caixão pegaram o maestro Asrieta, o maestro Barbieri, o barytomo Labau, o emprezario do theatro real e alguns dos mais amigos de Gayarre.

O acompanhamento era enorme! mais de seis mil pessoas entre as quaes o ministro da justiça, os filhos do presidente do Congresso, Emilio Castellar, e tudo o que ha em Madrid de mais illustre nas artes, nas lettras, nas sciencias e na politica.

O cortejo parou primeiro em frente do Conservatorio onde foram collocadas mais corôas sobre o caixão; depois parou em frente do theatro Real e ahi a scena foi imponentissima.

Apenas se avistou o coche funebre, a orchestra collocada no vestibulo tocou a marcha funebre de Chopin, e quando o caixão parou em frente da porta, os côros e o baixo Nanette cantaram a introducção do quarto acto da *Favorita* até a orchestra preduliar o *spirito gentil*. E nos primeiros compassos do celebre trecho parou, e fez-se um profundo silencio como se tivessem perdido para sempre aquellas notas dulcissimas que nunca mais se ouvirão como sahiam da garganta previlegiada de Gayarre.

N'esse momento havia lagrimas em todos os olhos, e da multidão apoderou-se uma commoção profundissima e bem facil de comprehender.

O funebre cortejo seguiu por debaixo da neve que n'esse dia cahia intensa sobre Madrid, passou em frente do theatro da Comedia e do theatro hespanhol, d'onde sobre o feretro do Gayarre lançaram uma chuva de flores e dirigiu-se á estação do meio dia.

Ahi o feretro foi collocado n'um *wagon* e acompanhado por alguns amigos o cadaver Gayarre foi para a terra do grande artista, o Roncol, onde lhe foram feitas exequias sumptuosas.

*
* *

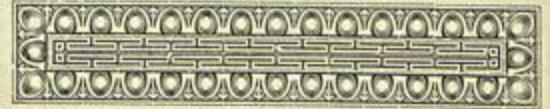
A prima dona Nevada, o barytono Batistini, o tenor Stagno e outros artistas que tambem estavam fóra de Madrid enviaram sentidos telegrammas.

O sr. D. Manuel de Losada cunhou uma medalha commemorativa da morte de Gayarre, tendo d'um lado o anjo da morte velando uma urna funeraria, com esta inscripção «*Miserere mei Domine*» e do outro estes dizeres «*Morte de Julian Gayarre. Emminencia do theatro, gloria das artes! A Hespanha chora-te—Descança em paz—Madrid 2 de Janeiro de 1888.*

*
* *

O enterro foi acompanhado por uma senhora formosa e vestida muito simplesmente, que segundo disseram os jornaes hespanhoes era uma enthusiasta do grande artista e que ha 14 annos o seguia por todas as terras onde elle ia cantar.

*
* *

Os haveres deixados por Gayarse calculam-se em 360 contos de réis.

REVISTA POLITICA

Quando escreviamos a nossa ultima revista e terminavamos dando noticia da reunião do conselho de estado para responder ao inqualificavel *ultimatum* do governo inglez, receiavamos que essa resposta importasse mais uma vergonha para o nosso paiz, porque não confiavamos no castello de cartas que o governo portuguez tão levianamente armara.

Os nossos receios eram infelizmente bem fundados, porque o governo do sr. José Luciano, confiando demasiadamente nos direitos de Portugal, mettera-se em aventuras sem se preparar convenientemente contra o resultado d'ellas, e pondo portanto em risco a sua causa, pois que só a mais ingenua toleima pode pensar que o direito e a razão desacompanhados da força possam triumphar da mesma força quando esta os não quer attender.

Desconhecer isto equivale a negar a essencia humana a despeito de toda a civilisação e diplomacia dos nossos tempos, civilisação e diplomacia que ainda não conseguiu o desarmamento geral, mantendo-se as grandes potencias armadas até aos dentes com grave sacrificio das suas forças.

O governo portuguez amedrontou-se com a intimação da força que a Inglaterra lhe fez, e para não desmentir a tradiccional fatalidade que acompanha os governos progressistas, fez passar Portugal por mais uma vergonha. O paiz, porém, salvou-se d'essa humilhação que o governo pusillanime lhe infligio, e de um extremo ao outro ressoou um grito de indignação, que foi um verdadeiro protesto patriotico contra o novo attentado commettido contra a integridade dos nossos territorios em Africa e contra a dignidade de nação livre e independente.

A consequencia d'este clamor foi a immediata queda do ministerio, e o acordar do povo para a desafronta da patria, procurando os meios praticos de se vingar da altiva mas cobarde Albion que assim abusava da sua força contra uma nação de que hypocritamente se diz *fiel alliada*.

No primeiro momento a alma do povo rompeu em ruidosas manifestações, e os seus gritos patrioticos ressoando para alem das fronteiras do paiz encontraram écho lá fóra e de toda a parte irromperam protestos contra o inaudito attentado da Inglaterra, e demonstrações de sympathia a esta antiga nação de guerreiros e navegadores, que assim affirmava os brios d'outr'ora.

Este protesto do povo teve mais importancia em face da Europa que toda a diplomacia do governo demittido, e será ainda elle que fará triumphar a nossa causa se o povo presistir nas idéas praticas que manifestou, e que são o verdadeiro desforço a tirar da ambiciosa e impudica potencia que nos offendeu.

Essas ideas são: cortar todas as relações commerciaes com a Inglaterra; criar um imposto voluntario de defeza nacional para auxiliar o governo na reorganisação e na defeza de Portugal e suas possessões.

Para este fim deve convergir todo o esforço da nação, e d'isso está dando provas nas adhesões que se manifestam em todos os pontos do paiz, já suspendendo ás transacções commerciaes com a nação inimiga, já iniciando grandes subscripções para a defeza nacional.

Depois d'isto só resta que o novo governo que foi chamado aos conselhos da corôa inaugure uma politica que acompanhe a alma popular, dirigindo e aproveitando sabiamente o espirito da nação.

O novo governo tirado do partido regenerador, tendo á sua frente o chefe d'este partido o sr. conselheiro Antonio de Serpa Pimentel como pre-

sidente e ministro do reino e interino da guerra, compõe-se de mais os seguintes parlamentares, nas differentes pastas: Snrs. conselheiros Hintz Ribeiro, estrangeiros; Lopo Vaz, justiça; Franco Castello Branco, fazenda; Arouca, obras publicas; Arroyo, marinha e ultramar.

O sr. Vasco Guedes que fôra nomeado ministro da guerra, não chegou a tomar posse d'esta pasta porque estando actualmente desempenhando o cargo de governador da India, os povos d'aquelle paiz, representaram no sentido da conservação do sr. Vasco Guedes no referido governo, representação que foi attendida e que deixou sem effeito a nomeação do novo ministro.

O novo governo entra no poder n'uma situação difficil e tem que desenvolver grande energia para satisfazer as justas exigencias do paiz.

Tem muito que reformar e organisar para satisfazer a essas exigencias que são necessidades impreteriveis, e não poderia emprehender essas reformas com uma camara hostil, que declarou lhe daria apenas o seu appoio nas questões internacionaes e de ordem publica.

Esta attitude da camara era de prever e por isso nós na revista anterior, insinuavamos que os srs. deputados não teriam tempo de aquecer o assento ás respectivas cadeiras.

O governo dissolveu a camara dos deputados e a parte electiva da camara dos pares, convocando as novas côrtes, que terão que se eleger, para abril.

É este o primeiro acto importante do novo governo, que assim trata de preparar o campo para a sua acção.

Que elle possa dominar as difficuldades que assoberbam o paiz é o que todos devemos desejar.

João Verdades

RESENHA NOTICIOSA

Embaixada de Marrocos. — O imperador de Marrocos enviou a Lisboa uma embaixada para felicitar El-Rei D. Carlos pela sua subida ao throno. Esta embaixada foi recebida por El-Rei no Paço da Ajuda, no dia 20 do corrente.

A embaixada, que tem estado hospedada no hotel Braganza, compõe-se do embaixador Sid-Mahammed Ben El Mudden, de um secretario e mais comitiva e é portadora de ricos presentes para o rei de Portugal, incluindo dez magnificos cavallos marroquinos.

No dia 20 pela 1 hora da tarde, foi o sr. Conde de Lavradio, introdutor, buscar em coches da casa real, a embaixada, sendo acompanhado n'esta missão pelo sr. Joaquim Maria da Costa Macedo, official do ministerio dos extrangeiros. Uma força de lanceiros acompanhou a embaixada tanto á ida como á volta do paço e um regimento de infanteria fez a guarda d'honra junto ao paço d'Ajuda.

No paço a embaixada era esperada á entrada pelo sr. duque de Palmella, commandante da guarda Real e pelo mestre sala. Na ante-camara estava o sr. ministro dos extrangeiros que acompanhou o embaixador á sala do throno, onde estava El-Rei e a côrte. O embaixador marroquino apresentou as suas credenciaes a El-Rei expressando-se em francez ao que Sua Magestade respondeu agradecendo as provas de amizade e de respeito do soberano de Marrocos.

CONFLICTO ANGLO-PORTUGUEZ

O ENGENHEIRO ALVARO FERRAZ

Acto Digno. — Entre as grandes demonstrações de desagrado feitas a Inglaterra e que o espaço de que dispomos não nos permitte relatar por completo, não podemos deixar de referir a devolução que alguns bons portuguezes tem feito, de destincções com que a Inglaterra os tinha agraciado. Foi o sr. duque de Palmella o primeiro a dar o exemplo, devolvendo ao governo inglez uma medalha com que fôra premiado pelo mesmo, quando fez parte da esquadra ingleza que se bateu na Crimea. A este seguiu-se o sr. Costa Cabral capitão de mar e guerra, que tambem fôra agraciado pelo governo inglez, devolvendo egualmente a medalha.

O velho humanitario Joaquim Lopes e seu filho, devolveram tambem as medalhas inglezas que lhe tinham sido conferidas por actos humanitarios.

Sua Magestade El-Rei D. Carlos recusou tambem receber a ordem da jarreteira que a Rainha de Inglaterra ia agora enviar-lhe.

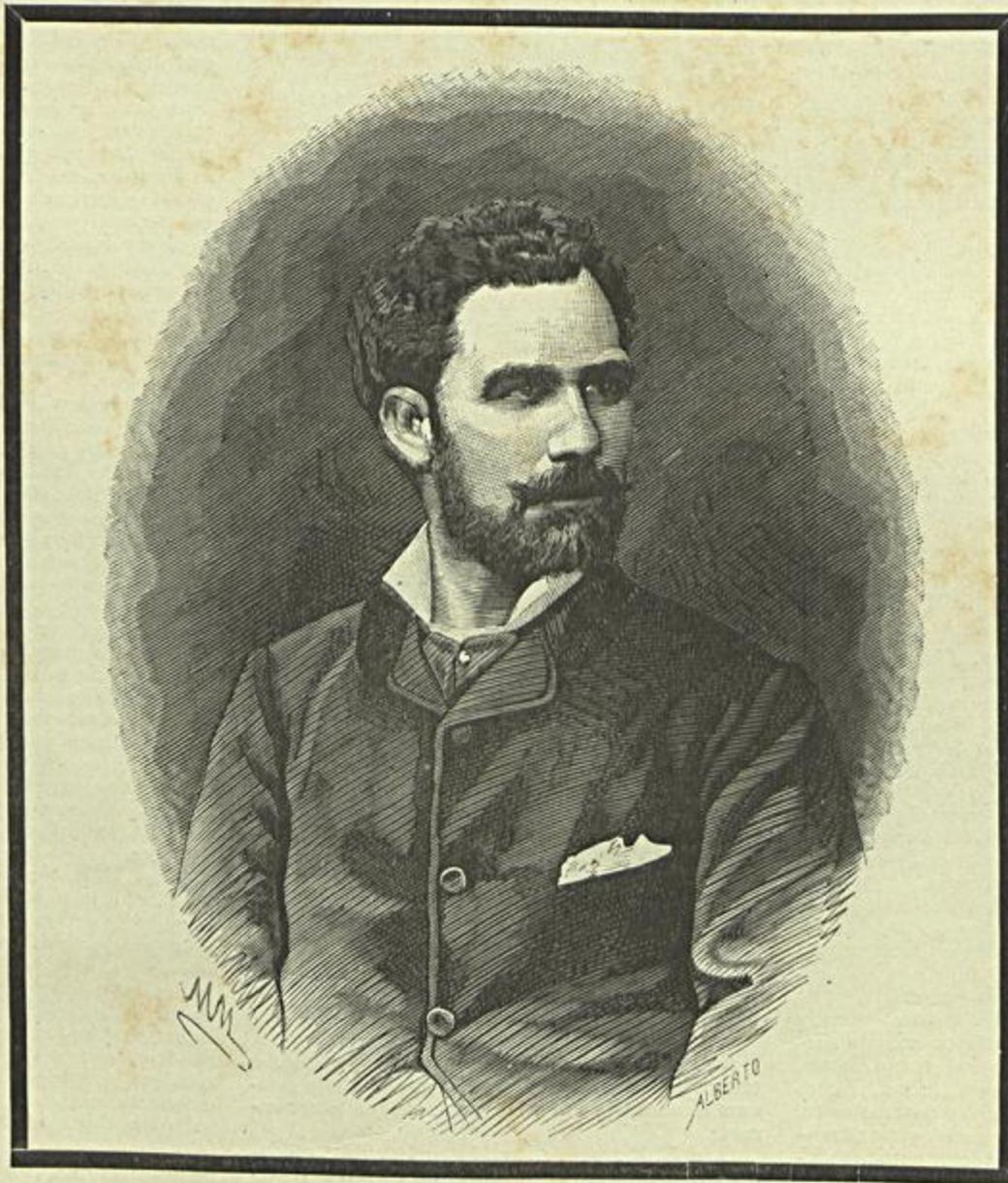
Estes actos, de justa dignidade estão acima de todo o elogio.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Historia da Revolução Portugueza de 1820 por José d'Arriaga, illustrada com os retratos dos patriotas mais illustres d'aquella epocha etc. etc. Lopes & C.ª, editores, Porto. Fasciculo 44 — 11.º do IV volume.

Elementos para um Diccionario de Geographia e historia portugueza — *Concelho d'Elvas e extinctos de Barbacena, Villa Boim e Villa Fernando* por Victorino d'Almada. Elvas. Tomo primeiro de 505 pag.as Esta excellente obra representa um grande trabalho de investigação por parte do seu auctor e um grande serviço á historia do nosso paiz, trazendo para ella importantes documentos respeitantes ao concelho d'Elvas e extinctos de Barbacena, Villa Boim e Villa Fernando. É copiosa a serie de noticias que encerra acerca dos homens notaveis, logares monumentos e mais cousas d'estes concelhos. Esta obra é publicada em fasciculos de 40 pag.as a 12 col.as pelo preço de 100 réis cada um. Assigna-se em Elvas Rua de S. Francisco 12 A.

Vollatas por Manuel Augusto do Amaral. Ponta Delgada. Um pequeno volume de poesias, que é uma estreia auspiciosa, porque n'essas poesias encontra-se uma verdadeira alma de poeta que não deve passar despercebida n'essa aluviam de rimas que de todos os cantos surgem com o nome de poesias.

JULIAN GAYARRE — Fallecido em 2 do corrente

ADOLPHO, MODESTO & C.ª — Impressores. — Rua Nova do Loureiro, 25 a 43 — LISBOA